

INSTITUTO DE QUÍMICA E GEOCIÊNCIAS DA UFPel: TENSÕES ENTRE CIÊNCIA E GÊNERO

PEREIRA, Juliana Cardoso
PPGE/FaE/Universidade Federal de Pelotas

DEL PINO, Mauro Augusto Burkert
PPGE/FaE/Universidade Federal de Pelotas

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é constituído por algumas análises de minha dissertação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O objetivo geral da pesquisa que desenvolvo centra-se em investigar como o processo de generificação da ciência vem sendo produzido no Instituto de Química e Geociências da UFPel.

Uma das primeiras atividades realizadas na pesquisa foi descrever o referido Instituto, bem como seus/as docentes. Essa descrição trouxe dados interessantes sobre a condição das docentes e pesquisadoras desse espaço. Foram colhidas informações sobre a estrutura geral do curso, participação em projetos de pesquisa e distribuição dos cargos de chefia na tentativa de compreender como estão estabelecidas as relações de poder nesse espaço.

Sendo assim, meus questionamentos giram em torno de dois eixos que se interconectam. Um deles é fundado numa pequena análise da construção da ciência e seus mitos; o outro traz o gênero, campo de estudos que emerge da teoria feminista, onde é possível se pensar a mulher como construção humana, nos afastando da explicação restrita das diferenças focalizadas apenas no aspecto biológico. Esses dois campos se interconectam na medida em que compreendemos que a ciência sempre foi e continua sendo um campo estritamente masculino.

2 METODOLOGIA

Sabemos que a constituição da ciência atual tem sua base no século XVI, com o surgimento da ciência moderna. Esse discurso científico foi, e continua sendo, permeado por relações de poder que garantiram ao longo da história o esquecimento de muitos outros discursos que coexistiram na luta pela significação da ciência. Assim, percebo a ciência como resultado de interesses e disputas em torno de relações de poder.

Nesse sentido, é importante compreender como operam os múltiplos discursos que coexistem e, não estando numa determinada ordem discursiva, são dispensados das análises. Com esse olhar avesso à linearidade, percebemos que a ciência é atravessada pelo gênero durante toda a sua construção, se constituindo, portanto, em um discurso generificado.

A parte empírica dessa investigação foi dividida em duas seções: a primeira baseou-se na coleta de dados sobre o lócus da pesquisa, que no caso é o Instituto de Química e Geociências da UFPel. Nesse sentido, foram analisados os dados referentes a número de docentes, participação em pesquisa, análise da produção acadêmica e participação em outras atividades no Instituto. Para

contribuir com a investigação busquei dados fornecidos na base de currículos Lattes, disponível on line.

A segunda parte da pesquisa conta com entrevistas semi-estruturadas com as docentes, que estão sendo realizadas conforme o desenvolvimento da pesquisa. Essas entrevistas trarão a possibilidade de analisar qual o discurso que permeia o fazer ciência nesse espaço, bem como analisar qual a concepção de cientista veiculada aos discursos dessas docentes e, ainda, problematizar se a produção generificada da ciência é um processo visível para elas. Nesse momento, trago para a discussão a primeira análise realizada, com dados referentes ao Instituto de Química e Geociências da UFPel e seus/suas docentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Instituto de Química e Geociências da UFPel foi criado em 1969. Conta com três Departamentos: o de Bioquímica, o de Química Analítica e Inorgânica, e o de Química Orgânica. O instituto conta com um corpo de 29 docentes distribuídos nos três Departamentos. Desse total de docentes, 13 são professoras e 16 são professores¹.

Considerando o total de docentes do referido Instituto, 23 são participantes de projetos de pesquisa, 10 mulheres e 13 homens, não havendo portanto uma polarização muito acentuada. Mas quando comparamos os pesquisadores com bolsas de produtividade oferecidas pelo CNPQ percebemos que apenas uma pesquisadora está na condição de bolsista, enquanto entre os pesquisadores são 7 bolsas concedidas.

A bolsa de produtividade concedida pelo CNPQ ilustra a situação do feminino na pesquisa, pois, essa bolsa é destinada aos pesquisadores que se destaquem entre seus pares, valorizando sua produção científica. Os pré-requisitos para a obtenção da bolsa são:

- a) produção científica do candidato;
- b) formação de recursos humanos em nível de Pós-Graduação;
- c) contribuição científica e tecnológica e para inovação;
- d) coordenação ou participação principal em projetos de pesquisa, e
- e) participação em atividades editoriais e de gestão científica e administração de instituições e núcleos de excelência científica e tecnológica.²

Ao analisarmos esses pré-requisitos percebemos que eles acabam favorecendo ainda mais a predominância masculina na atividade de pesquisa. Uma produção científica elevada demanda muitos artigos publicados, que conseqüentemente demandam uma participação plena nas atividades de pesquisa, fato que muitas vezes não ocorre já que muitas das pesquisadoras desempenham atividades mais rotineiras. Segundo Osada (2006) os pesquisadores ficam geralmente com as atividades mais analíticas, com isso as chances deles construírem grandes publicações na área são maiores.

¹ Dados disponíveis em : <<http://www.ufpel.edu.br/iqq/colegiado/>> . Acessado em 12/02/2010.

² Dados disponíveis em:< http://www.cnpq.br/normas/rn_06_016_anexo1.htm>. Acessado em: 28/04/2010.

Com relação à participação principal ou coordenação em projetos de pesquisa é visível que a predominância também é masculina. No Instituto de Química e Geociências da UFPel, das 10 pesquisadoras somente duas ocupam cargo de líder de grupo de pesquisa. Com isso, os pesquisadores coordenam mais pesquisas conseguindo obter bolsas e conseqüentemente mais prestígio em sua carreira profissional.

Essas relações de poder são perceptíveis também na distribuição dos cargos de chefia administrativa no Instituto em questão. No total do Instituto, analisando os três Departamentos, nenhum deles é chefiado por mulheres. Nos três casos elas ocupam o cargo de sub-chefe. Também com relação à Direção do Instituto, desde sua fundação ela é ocupada sequencialmente pelo masculino. O único cargo que já obteve variação com relação ao gênero é o da Coordenação do Curso de Química, que atualmente é ocupado por uma das docentes.

4 CONCLUSÕES

Os achados iniciais corroboram com as atuais pesquisas sobre o gênero na ciência. Segundo último censo realizado pelo CNPQ em 2008³, a grande área das ciências Exatas e da Terra, onde a área da Química está inserida, apresenta um total de 11.835 pesquisadores/as. Diante disso, os pesquisadores correspondem a pelo menos 75% da participação nessa grande área. Se restringirmos para a área específica da Química, a situação não muda muito. No Brasil são 3.702 pesquisadores/as, sendo 63% homens.

Com isso, percebe-se que o processo de generificação da ciência vem sendo produzido no Instituto de Química e Geociências da UFPel, entre outros motivos, pela participação subjugada das mulheres na pesquisa. Portanto, o espaço investido não foge à regra de outros. A prática da química, uma ciência dita *hard*, é um terreno marcadamente masculino.

Essa análise será problematizada futuramente de maneira mais consistente por meio das entrevistas com as docentes. A análise das entrevistas trará a possibilidade de avaliar qual o discurso que permeia o fazer ciência nesse espaço, bem como qual a concepção de cientista vinculada a esses discursos.

A concepção de ciência dessas docentes é fundamental, pois acredito que somente quando utilizamos a noção de uma ciência em processo é possível vislumbrar uma prática sem neutralidade e puramente restritiva; uma ciência imbricada por relações de poder; uma ciência atravessada pelo gênero.

Assim, enfatizo que não estou fazendo apologia a invenção de uma ciência exclusivamente feminista, na intenção de reverter papéis e continuar a oposição do jogo dicotômico de poder no qual mais mulheres devam ocupar os espaços até agora masculinos. O que de fato acredito é na necessidade de questionar e desconstruir a ideia da ciência universal, tão marcada em algumas áreas. Nesse sentido, estamos ainda distantes de superar essas questões. É preciso que se reveja e problematize determinadas posições, que nos parecem tão naturais.

5 REFERÊNCIAS

CHASSOT, Ático. **A ciência é masculina?** É sim, senhora. 2 ed. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

³ Dados disponíveis em: <<http://dgp.cnpq.br/planotabular/>>. Acessado em: 23/02/2010.

FERREIRA, Márcia Ondina. O impacto dos estudos de gênero sobre a construção do pensamento social – primeiras aproximações. In: **V CICLO DE ESTUDOS EDUCAÇÃO E FILOSOFIA: TEM JOGO NESSE CAMPO?** IF-Sul, Pelotas. 2009.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 12.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. **Em defesa da Sociedade: curso no collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GAARDEN, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HENNING, P. **Efeitos de sentido em discursos educacionais contemporâneos: produção de saber e moral nas ciências humanas**. 2008. 282f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

LOURO, Guacira. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p. vii-xxiii.

OSADA, Neide. **Fazendo Gênero nas Ciências: uma análise das relações de gênero nas ciências na produção do conhecimento do projeto genoma da Fapesp**. 2006. 142f. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica)-Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.20, n.2, jul/dez. 1995, p.71-99.

6 AGRADECIMENTOS

À CAPES.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL.